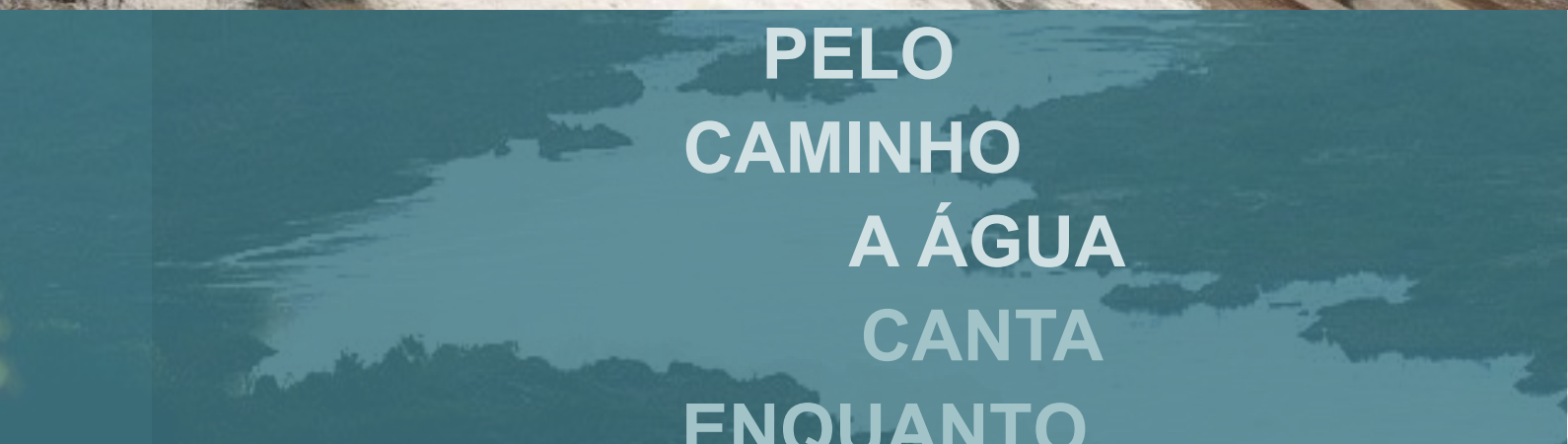





**A ÁGUA  
CANTA  
ENQUANTO  
DANÇA**



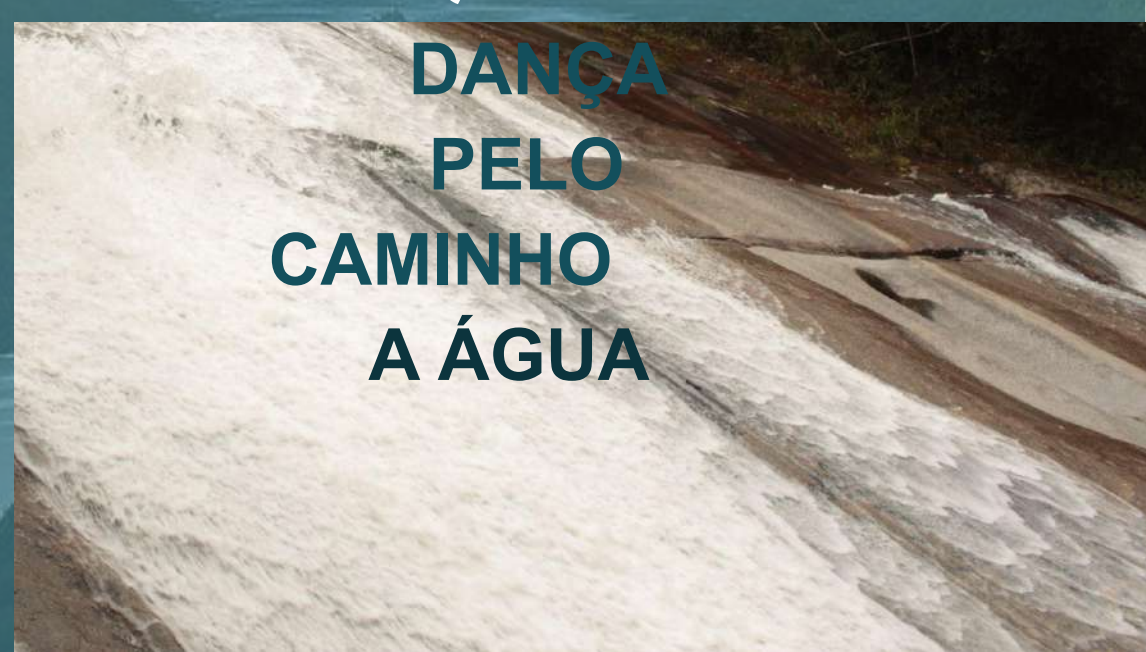
**PELO  
CAMINHO  
A ÁGUA  
CANTA  
ENQUANTO**



**DANÇA  
PELO  
CAMINHO**



**A ÁGUA  
CANTA  
ENQUANTO**



**DANÇA  
PELO  
CAMINHO  
A ÁGUA**

# Agradecimentos

**Mais Um Ano Se Passando, Firmeza Total, Muita Coletividade Na Quebrada...**

É com imensa alegria e gratidão que eu compartilho esse trabalho. Chegar até aqui, depois de cinco anos de graduação, me faz pensar em tudo o que aconteceu até que eu chegasse a este ponto, me tornando a primeira pessoa da família a concluir ensino superior em universidade pública. Me faz lembrar do início de tudo, das primeiras memórias. De escalar a estante de casa, onde ficava uma televisão de tubo, que caiu em cima de mim enquanto eu escalava. De puxar a água que escorria pela casa, de infiltrações que pareciam chuveiros em dias de chuva. De subir na laje pra pegar a bola que tinha caído, de descer da laje quando perdi a chave. De sujar as costas de cal quando encostava na parede durante o treino de capoeira.

Inúmeras memórias. Essas memórias me fazem sentir no peito a força dos aprendizados que a vida me deu até aqui. Me faz imaginar tudo o que eu tenho para aprender. Pensar em todas as pessoas que foram essenciais para que tudo acontecesse, para que eu pudesse acontecer.

Agradeço incondicionalmente a minha mãe, Regina de Aquino, que em todos esses anos nunca deixou de acreditar em mim. Que me gerou, que me nutriu, que contribuiu para que eu desenvolvesse minhas habilidades. Que me ouviu quando eu precisei. Não há um momento da minha vida em que fui desamparado por ela. Todas as vezes que caí, ela sempre me lembra que não há nada de errado em cair, contanto com que se siga em frente. Foi ela que me apoiou em todas as decisões, que me deu meu primeiro violão. Tudo isso e muito mais me faz pensar em como é necessário seguir, gerar, criar e transformar, amar. Eu sonho um dia poder cuidar de alguém como ela cuidou de mim.

Agradeço também ao meu pai, Vicente da Silva, que junto à minha mãe são meus maiores exemplos de dedicação e trabalho duro, de fé no futuro e compromisso com a proteção da família. Seus esforços desde sempre foram em direção à melhoria do nosso viver e dos nossos sonhos. Meu pai não teve a oportunidade de terminar seus estudos, mas se sacrificou muitas vezes para que a gente pudesse estudar e cultivar nossos sonhos. Nunca me esquecerei disso.

Agradeço ao meu amigo Paulo Henrique, que me trouxe pro mundo da arte através da música, quando montamos nossa primeira banda. Aos meus companheiros de luta do Coletivo Vral e a todas as nossas andanças durante a escola. Gratidão à Felipi Cajaíba, que me acompanhou e apoiou desde essa época, nas nossas criações, sonhos e reflexões.

Agradeço ao irmão que a vida me deu, Gutto Santos. pelas ruas que a gente andou, tudo que a gente pensou junto, sonhou junto e fez acontecer junto. Tem encontros que são pra vida toda, de perto ou de longe, Tamo Junto, Sempre.

Agradeço também aos meus parceiros Ana Claudia Vasconcelos e Daniel Silva, que tanto me ensinaram, me apoiaram e me fortaleceram nessa caminhada. Muita coisa na minha vida começou por conta desses dois, que guardo no meu coração e mantenho sempre nos meus pensamentos.

Gratidão ao meu amigo irmão Wagner Mazzini, pelo seu coração imenso e parceria sem igual. Vivo com a alegria de buscar retribuir tudo que você fez por mim.

Em especial agradeço Shisleni de Oliveira, Shis sempre querida, pessoa que literalmente tornou tudo isso possível. Quando eu nem pensava em fazer faculdade, Shis me abrigou, me acolheu e acreditou em mim até quando eu não acreditava mais. Não existem palavras pra descrever a gratidão e a honra que eu sinto por você ter aparecido na minha vida. Do fundo do meu coração, gratidão por ser uma pessoa tão incrível.

Agradeço à Andressa Maria e a Beatriz Cruz, por terem me mostrado a beleza que existe em se expressar com o corpo, nas artes da presença. Gratidão ao Tom Dupin, que nessa fase crucial da minha trajetória me convenceu a concorrer a uma vaga no curso de artes cênicas da USP, de que eu era capaz de competir com quem quer que fosse, contanto que eu acreditasse no meu trabalho.

Gratidão às Mestras que o CAC colocou na minha vida, Maria Thais e Sayonara Pereira, que trouxeram à tona forças que eu nem sabiam que habitavam o meu corpo. Graças a Thais meu corpo ganhou firmeza, ganhou consciência. Graças a Sayô descobri que meu corpo pode aumentar de tamanho, ficar gigante, dançar. Agradeço em especial todo o afeto com que Sayô tem me acolhido desde o início da graduação, que muitas vezes foi essencial para que eu continuasse lutando dentro da academia.

Agradeço ao Grupo Fragmento Urbano por terem me aproximado dos meus ancestrais africanos e ressignificado minha trajetória corporal. Ao Monilson dos Santos por ter me encantado com o Nego Fugido e me mostrado alternativas ancestrais para me esquivar do teatro ocidental.

Agradeço a todas as pessoas maravilhosas que cruzaram e encantaram minha trajetória durante esses cinco anos, que deixei de citar para não ser injusta com alguém por ter me esquecido.

Agradeço às pessoas que generosamente aceitaram parte da banca avaliadora e contribuir com nosso crescimento, Andréia Nhur, Helena Bastos e Luciano Mendez.

Agradeço também ao meu professor, Thiago Sonho por ter me aceito como discípulo dos tambores da bateria, me ensinado tanto e contribuído tão calorosamente para a construção deste trabalho.

E agradeço especialmente minha parceria de trabalho e de vida, que tantas vezes me apoiou, me levantou do chão, lutou ao meu lado. Que a quatro anos vem construindo uma relação linda de amor e cuidado que transcende o mundo material. Por cada abraço, por cada escuta, por cada conselho. Por ser uma companhia tão agradável. Por tornar tudo mais fácil e muitas vezes, possível. Por me ajudar a ver coisas que eu não era capaz de ver, sentir o que eu não tinha aprendido a sentir. O seu amor move montanhas e me faz cada dia querer me amar e te retribuir mais e mais.

Isabel Monteiro, Bel, uma luz que se acendeu no meu caminho, um rio que se encontrou com o meu. Que a gente possa se fortalecer a cada dia, que você alcance todos os seus objetivos. Que você realize sonhos da magnitude do seu talento. Muito obrigado por ser essa pessoa maravilhosa, de coração bom, talentosa e companheira. Que a vida dê a você todo amor que você dá ao mundo.

Te amo.

**De coração,  
David de Aquino da Silva.**

# Aquífero

Ponto de Chegada

Ponto de Partida

Esse Trabalho é uma nascente, uma mina. Daquelas que nascem na serra, na beira do pasto, nas áreas de mananciais periféricas da cidade de São Paulo. Um olho d'água escorrendo pela rua de terra na esperança de virar riacho.

-Notas do Processo

É assim que mais um ciclo se inicia, mais um ciclo se completa. Na natureza, não há começo, não há fim, tudo está, fluindo de cá para lá, e de lá para cá. Nesse trabalho, haverá muitos momentos assim, onde se encontram fins e começos, onde ao mesmo tempo que se perde, se acha. **A Água Canta Enquanto Dança Pelo Caminho** é um ato de partilha, um presente. Nas próximas páginas você encontrará Sangue, Suor e Lágrimas, que escorreram de mim durante os últimos meses. Meses extremamente revoltos e agitados, de aprendizados intensos e dolorosos. De curas profundas e reconfortantes. Muito do que eu vivi, senti e absorvi durante a feitura do curta-metragem Corpo D'Água, que construí em conjunto com Isabel Monteiro, estão aqui, transmutado em palavras.

Fazem parte desse trabalho os aprendizados que absorvemos ao observar três rios do nosso corpo, nossas águas, assim como todo o processo de materialização desses aprendizados e reflexões em experimentos poéticos de composição.

Fico muito feliz de poder compartilhar as coisas bonitas que aprendi e criei através desse processo. Hoje, depois de tantas dores, tanto trabalho, fico grato de conseguir dividir com mais pessoas meu modo de pensar, meu jeito de criar, meu jeito de atravessar os problemas.

Esse trabalho foi composto no formato de hipertexto. Acompanham o texto links com registros do processo que enriquece a experiência do leitor. Recomendo gentilmente que abra todos os links, para que a fruição do trabalho seja completa.

**Obs: Utilize fones de ouvido.**

Por não me identificar com nenhum dos gêneros, masculino ou feminino, optei por escrever o trabalho variando os pronomes e as flexões de gênero quando se referindo a mim, de acordo com o momento e com a escolha que me deixasse mais a vontade.

**Seja Bem Vinde,  
Aproveite a viagem.**

# Nascentes

## Rios Que Insistem Em Nascer Da Onde Eu Venho

Eu nasci no Guiomar, bairro da periferia de São Paulo que faz fronteira com Itapeperica da Serra. A rua de trás ainda preserva a antiga paisagem rural em alguns pontos. Rodeada por pastos e lagoas, a rua deságua numa estrada de terra que há muitos anos os políticos prometem asfaltar, mas nunca o fazem. Nessa rua, é possível observar nascentes de água limpa insistindo em brotar, em fluir rua abaixo, em busca de outras águas, buscando águas maiores. Mais a frente, as nascentes encontram um pequeno córrego, que deságua num pequeno rio, que envolve a estrada do M'Boi Mirim.

Observar essas águas mexe muito comigo, toda vez que volto do passeio com meu cãozinho. Dá um aperto no peito, saber que a natureza continua insistentemente provendo vida, água limpa, enquanto a cidade continua a desprezar seus presentes, jogando lixo e esgoto, num impulso inconsciente, cego e preguiçoso de autodestruição.

Eu não sei ao certo porque, mas me vejo nessas águas. As vezes sinto que minhas nascentes buscam cidade abaixo outras águas, num desejo de ser mais, maior e além. Talvez por isso meu percurso tenha encontrado na água, inspiração.

Me lembro que até certa idade, minha relação com a música era bem mirradinha. Toda música que eu escutava vinha dos cds de brega e sertanejo que meu pai escutava, que eu particularmente nunca gostei muito. As temáticas e as narrativas predominantemente patriarcais machistas já me causavam desconforto e a rítmica não era muito a minha onda. Do quintal de casa, ouvia tudo o que emanava dos carros de som, às vezes com curiosidade, às vezes com impaciência. Lembro que foram essas idas e vindas e de sons da vizinhança que comecei a absorver por osmose o Tsunami Racionais MC's. De alguma forma, mesmo sem entender um décimo do que eles estavam dizendo, tudo ali fazia sentido. Cada sentimento, cada vibração, cada batida. Os fluxos poéticos e sonoros dos quatro pretos mais perigosos do Brasil se destacam entre minhas primeiras memórias.

Tudo mudou quando eu me encontrei com a capoeira.

Eu devia ter algo entre 8 e 10 anos. Pela primeira vez, alguma música fazia parte da minha vida em corpo, mente e espírito. Lembro de incontáveis vezes levar bronca por batucar na mesa, pois eu não conseguia parar nem pra comer. As ladainhas não saíam da minha cabeça, que na maioria das vezes estava rodopiando ou ficando do

avesso nos movimentos que passaram a fazer parte do dia a dia em minhas brincadeiras. Eu entendia pouco das letras também, mas experienciar com o corpo, tanto dentro quanto fora da roda, era extasiante. Até hoje, quase dez anos depois de ter parado de treinar regularmente, a capoeira ainda me faz encontrar caminhos na selva de pedra. Me encontrar quando estou perdido, ouvir com o corpo, escutar o corpo das pessoas.

Nunca vou esquecer o dia em que numa loja grande de roupas, dessas que parece um formigueiro no dia de sábado, eu me perdi de minha mãe. Estava com um pote na mão, e comecei a batucar (o que naquela altura já era tão espontâneo quanto respirar). Mesmo me sentindo um pouco assustado com ter me perdido de minha mãe, lembro de ficar andando pra lá e pra cá até que minha mãe chegasse até mim dizendo: "Esse batuque sem fim me dá nos nervos mas se não fosse essa sua mania eu não teria te achado tão fácil".

Hoje pra mim é evidente a razão de tanta sinergia: meus ancestrais do Oeste Africano Bantu estavam conversando comigo. A circularidade da roda, o poder coletivo, os fluxos de mão, de perna, de cabeça, tudo isso continuava fluindo em mim mesmo quando a roda acabava, e ainda flui até hoje. Tanto corporalmente quanto sonoramente, a capoeira nunca saiu de mim.

Musicalmente, sempre achei fascinante cantar com todo mundo, que todo mundo cantava, até quem tava tocando, às vezes até quem estava jogando dentro da roda. A importância de cada pessoa, ali presente, na palma, na resposta. As palmas, que também apareciam na escola embalando um Funk conhecido por geral, até hoje fazem parte do meu processo de criação musical.

Mas houve um momento em que tudo isso cessou. O grupo que eu fazia parte se dissolveu, e eu passei a viver minha vida na frente de um computador. Talvez eu até tenha esquecido em alguns momentos da alegria da roda, do som do tambor. Os movimentos volta e meia me convocavam a mover meu corpo, a brincar com os meus, mas a música em mim, adormeceu por alguns anos.

A música passou a ser um pano de fundo, o som do momento que tá tocando e é legal. Mesmo ouvindo música todos os dias, eu tenho a impressão de que a música era só a maneira mais eficiente de calar o som ao meu redor. As brigas, as palavras cheias de veneno que entravam pela janela da rua. Mesmo de forma inconsciente, a música sempre foi minha defesa. Foi na escola a primeira vez que eu voltei a ouvir música de maneira genuína.

Na adolescência eu me aproximei do Rock e do universo embranquecido do Metal, Punk e afins. Mesmo que as músicas que eu ouvia nessa época estão muito longe do que eu sou hoje, aquelas composições me fizeram pela primeira vez ouvir um instrumento, parar pra ouvir os tambores da bateria soar, ouvir o baixo. Perceber e a música tem um processo, uma progressão.

Nessa época passei muito tempo escutando as famosas bandas de homens brancos, mas sempre me chamavam mais atenção os grupos que tinham um “tempero diferente”. Só muito tempo depois eu me dei conta que mais uma vez, meus ancestrais estavam falando comigo. Que essas bandas traziam elementos africanos em suas músicas. O rock em si é o nome que os brancos deram para um conjunto de ritmos que as pessoas pretas nos Estados Unidos tocavam. Hoje, consigo identificar inúmeras cadências rítmicas do oeste africano nas músicas que eu ouvia. Começo a fazer conexões. Gostava do que havia de James Brown no Led Zeppelin, Gostava do que havia de Muddy Waters no Black Sabbath e por aí vai.

Foi nessa época que eu comecei a escrever. A tirar de mim todas as minhas inquietações e revoltas. Comecei a ler a letra das músicas e buscar artistas que falavam sobre o sistema, que o criticavam. Comecei também a ler muitos livros de filosofia ocidental e a entender que dentro de mim existe um poder de interpretação e transformação da realidade através das linguagens diversas. Participava de coletivos políticos, de ações comunitárias, de manifestações, sempre embalado pelos pensamentos da esquerda branca Anarco - Comunista (Que por sua vez se basearam nas idéias de bem viver comum de sociedades cooperativistas africanas e indígenas).

O grupo que sem dúvida mais me marcou dessa época e carrego comigo até hoje é o Rage Against the Machine, que de rock tinha pouco, de Groove tinha muito, de Hip Hop nem se fala. O poder das levadas de baixo e bateria junto ao vocal poderoso de Zack de la Rocha mexeu com minha espinha desde a primeira nota. A homologia entre as letras e a vibração do instrumental colocou todos os outros grupos no chão. Quando eu ouvi Wake Up pela primeira vez eu entendi: é isso que eu quero fazer da vida.

Mesmo que poeticamente e até holisticamente eu navegue por outros caminhos energéticos, considero hoje RATM uma das minhas referências principais. É o tipo de arte que eu acredito. Impossível de ignorar, desde a primeira nota atravessa a carne e vai direto no osso, ativa seus poderes ancestrais e te coloca em movimento, porque cada elemento da música navega na mesma direção, da raiva contra o sistema.

Acompanhando esse percurso, as letras que lá atrás pareciam ser só palavras, começaram a fazer sentido. Os Racionais MC's tomaram minha mente de assalto. Escutei, escutei, escutei, todos os discos, toda lírica, toda narrativa, as crônicas. É difícil encontrar palavras para descrever o que é ser uma pessoa de quebrada e ter a benção de se ver, de se ouvir na obra dos Racionais. Os cara simplesmente, falando nossa língua, fizeram um raio X do Brasil do lado A ao do lado B a partir do nosso ponto de vista. Ouvir quatro homens negros, que se parecem comigo, com



meus tios, com meu pai, fazer o que eles fizeram, é como se toda a esquizofrenia branca que escorre pela televisão como esgoto em nossas mentes pasassem a ocupar o lugar que realmente les cabe: o lixo.

Não somos menos por sermos o que somos, somos o que somos pelo que sonhamos, pelo que trabalhamos e por consequência do tratamento que os brancos têm dado ao povo africano desde que se lançaram à colonizar o mundo.

Assim como todo elemento genuíno da cultura Hip Hop, escutar Racionais é uma escola. Da letra aos samples, da batida às capas. Quando se escuta Racionais MC's sabe-se da onde eles vieram, de onde eles são, desde a introdução. Com eles eu aprendi a importância de trazer os ancestrais ombro a ombro com a nossa arte. Ao ouvir Racionais se escuta James Brown, Jorge Ben, Isaac Hayes, Tim Maia e muitos outros.

Quando eu entendi o impacto da cultura Hip Hop no meu trabalho, tudo mudou. Mesmo que aqui no Brasil Rap tenha virado sinônimo de Gangsta RAP, os fundamentos da cultura africana manifestada no Bronx fluem de maneira subconsciente. Princípios como Sample, Bounce, que flui por todos os 4 elementos (originalmente Break, Grafitti, DJ e MC) sempre foram aspectos fundantes e impulsionadores do meu trabalho. Independente da linguagem em questão ou dos recursos utilizados, a música sempre tem um papel fundamental nas minhas obras. É como se tudo fosse estados diferentes da mesma água, diferentes múltiplos da mesma frequência, uma espiral que nos leva de volta para a terra mãe, ainda viva em nossos corações. Mais especificamente, acredito que o centro de tudo seja o tambor. Nossos ouvidos são tambores, nossas pregas vocais são tambores. Todos são membranas que reagem a um espectro específico de frequências.

Lembrar disso me faz lembrar da centralidade do ritmo do meu trabalho. Sempre me chamou a atenção o fato de que o ritmo com que se diz, muitas vezes comunica mais do que o que se diz. O que me leva a pensar que os tambores estão o tempo todo nos trazendo mensagens ancestrais, que nossa mente ainda não aprendeu a organizá-las, mas que o corpo sente, o corpo responde.



Confluentemente, no momento em que escrevo esse trabalho, completo um ano dedicado ao estudo dos tambores da bateria, o que têm ampliado minha autonomia artística e expandindo minha consciência rítmica. Mentalmente, corporalmente e espiritualmente.



A partir dessa expansão, me permito ainda mais a radicalizar o protagonismo do ritmo em minhas obras, podendo assim me expressar de maneira cada vez mais precisa. Depois de dez anos longe da Capoeira, graças às minhas parceiras Wagner e Evellyn, me reencontrei. Voltei a tocar berimbau, a tocar pandeiro. Toda rítmica e poesia da Gengibre (nosso grupo musical) navega e mergulha nos rios da capoeira, que nos ensina como fluir.

Acompanhando essas retomadas, o contato com a cultura ancestral africana através da Dança, do pensamento **Pan-africanista**<sup>1</sup> e a **Kemetic Yoga**<sup>2</sup> ressignificaram toda a minha trajetória de vida. Se hoje eu consigo entender cada escolha artística que me moveu até aqui, se hoje eu consigo ver nitidamente para onde devo caminhar, é porque meus ancestrais insistiram em manter viva nossa luz, nosso calor. É porque nada é capaz de destruir nossa cultura.

Como nos ensina **Marimba Ani**<sup>3</sup>, nossa cultura é nosso sistema imunológico. É com ela que nos defendemos contra o epistemicídio, o genocídio e o etnocídio perpetuado até os dias atuais contra a população africana em diáspora. A cultura se divide, se mistura e quando ameaçada se diluir ressurge, com diversas roupagens, em diversos lugares. É a esse fluxo que eu pertença e nesse sentido que procuro navegar.

<sup>1</sup>*Pan-africanismo é o nome dado a filosofia que propõe união dos povos africanos na luta contra o racismo e os problemas sociais causados pelo colonialismo europeu.*

<sup>2</sup>*Kemetic Yoga é um sistema de yoga que combina movimentos físicos com técnicas de respiração e meditação. Esta forma de yoga se baseia nas posturas dos hieróglifos presentes nas paredes das pirâmides de Kemet (Egito Antigo).*

<sup>3</sup>*Marimba Ani uma pensadora pan-africanista estudiosa dos saberes ancestrais africanos. Muito conhecida por sua obra Yurugu, uma crítica abrangente da cultura e pensamento europeus.*

# Caminho das Pedras

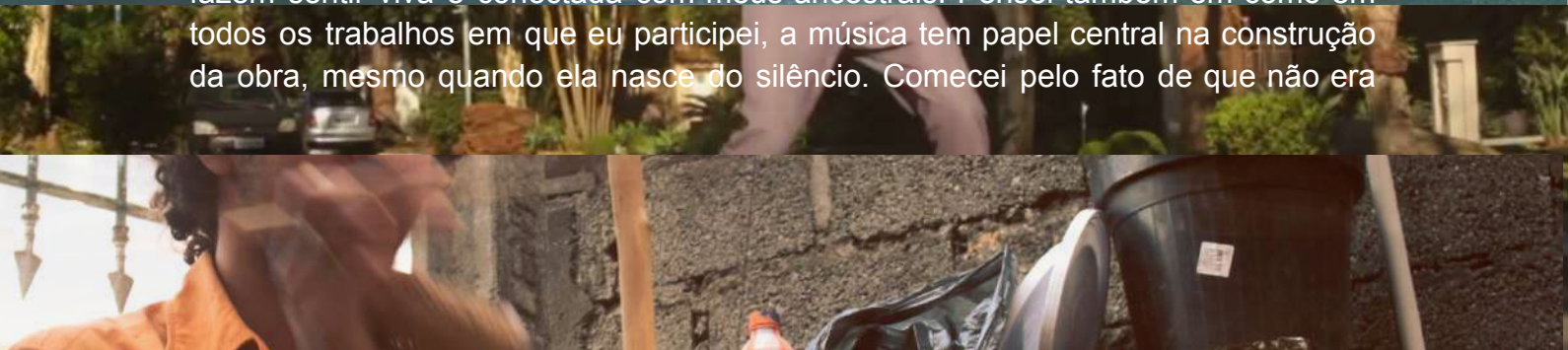
Um Trabalho De Conclusão De Curso  
O Trabalho De Concluir um Curso  
Todo Fim É Um Começo

2021. Segundo ano de pandemia e eu continuo buscando brechas para fluir, entre trabalhos, busca de trabalhos, contas, contas mais caras, crise econômica, alta nos preços dos alimentos, mais um ano de EAD, uma bolsa a menos... O momento não está fácil, muito menos pra quem mora na periferia.

No meio desse cenário, me vi sobrecarregada de obrigações e preocupações, avançando na minha pesquisa de TCC num ritmo muito menor do que o desejado. É claro que depois de quatro anos de faculdade e muita perambulação pela cena artística da cidade, há um acúmulo imensurável de ideias e vivências buscando vazão, mas as condições materiais e emocionais não foram as melhores. Mas assim como diz a sabedoria ancestral Africana: A água sempre acha um caminho. E eu achei o meu.



Passei boa parte do primeiro semestre tateando formas de possibilitar um processo criativo no meio desse caos que estamos vivendo. Pensei diversas vezes em trancar o curso, esperar essa enxurrada de lama passar pra pular no rio, mas cada dia que passava eu era levada a acreditar que esse rio levaria mais de dois anos pra se curar. Fui então buscando maneiras de, mesmo que gota por gota, minhas águas fossem infiltrando e atravessando a pedra, que de tanto bater uma hora fura. Comecei meditando sobre o que une as diversas vivências e trabalhos que me fazem sentir viva e conectada com meus ancestrais. Pensei também em como em todos os trabalhos em que eu participei, a música tem papel central na construção da obra, mesmo quando ela nasce do silêncio. Comecei pelo fato de que não era



qualquer música nem qualquer aspecto da música que me chama atenção. Na verdade, o que une tudo, musicalmente ou não, é o ritmo.

Percebo que os trabalhos que admiro, todos tem um universo rítmico comum, mesmo que pareçam às vezes muito distintos. Acredito que essa semelhança aconteça devido a grande diferença entre o ritmo ocidental e a concepção de ritmo das culturas africanas. Em África, arte, vida e cultura são elos da mesma corrente, estados da mesma água, faces da mesma fruta. Quando se canta, se cura, se embeleza e se ensina, tudo ao mesmo tempo. Dessa forma a vida acontece ao ritmos dos cantos, das danças, que por sua vez segue o ritmo da vida, do universo, numa redemoinho d'água sem fim.

Fascinado e atraído por esses conhecimentos e cosmogonias, decidi fazer um pequeno fluxo, um riacho em direção aos ensinamentos que meus ancestrais deixaram através das vibrações, do ritmo. Desde o início desse percurso, já era uma vontade minha que meu trabalho encontrasse foz em outro rio, maior que eu, para que a correnteza se amplifique através da união de forças, de sonhos, em direção ao mar. Conectados pela sensibilidade, pela admiração pela água e pela busca da escuta atenta dos conhecimentos ancestrais africanos, eu e Isabel Monteiro nos juntamos para construir um trabalho sobre a água, elemento vital nas culturas africanas e no corpo de qualquer homo sapiens. Como se trata de um trabalho pequeno diante da imensidão de poéticas aquáticas possíveis, decidimos observar a água em seu estado líquido, a água corrente, a água dos rios. Dedicando uma escuta e observação atenta, buscamos poetizar através do corpo e do som a dança e a música das correntezas de Mãe Òsún.



# Águas

Águas Do Corpo

Rios Correm No Corpo

Fluxos Da Diáspora Africana

Assim como nossa mãe Terra, 70% de todo nosso corpo também é água. O que me faz pensar que devíamos pensar com mais respeito e atenção sobre as águas que nos rodeiam. Eu mesmo nunca havia parado para pensar sobre a onipresença da água na nossa vida. Como até em nosso ato mais vital, a respiração, é preciso de água para acontecer. Um ar pouco úmido, um ar sem água, torna-se tóxico, mata.

Poucas semanas antes de começar a conceber as primeiras ideias desse trabalho, comecei a observar a intrínseca relação entre diversas manifestações culturais dos povos africanos em diáspora com a água. A característica holística da cultura Africana localiza a espécie humana como parte inseparável do universo, que se manifesta em diversas forças da natureza.

A água, força da natureza manifesta em diferentes qualidades, aparece como energia motriz no Maracatu, no Samba, na Capoeira e entre muitas outras. Através de progressões rítmicas, de cores, de movimentos corporais, essas manifestações culturais nos lembram do caráter fluido e transformador da experiência humana aqui nesse plano, quando a gente dança, quando a gente escuta, quando a gente vê e quando a gente pensa ao receber essa energia.

Nessa epistemologia, a água é muito mais que um recurso, um elemento a ser manipulado pela vontade humana. A Água, é uma das nossas mais antigas ancestrais. Observando e respeitando seus movimentos, que são os mesmos a bilhões de anos, podemos chegar a conclusões profundas sobre como o universo opera, de como a vida opera e como nós operamos.

Nós surgimos no plano material mergulhados nas águas de nossa mãe, águas que carregamos conosco até hoje.

Assim como somos feitos de nossa mãe gente, somos compostos de nossa mãe água, somos um corpo d'água. Respeitar os fluxos ao nosso redor é aprender a nos respeitar. Criar a partir dos fluidos do nosso corpo é aprender a recriar a nós mesmas.

A cidade em que eu habito neste momento, é composta por inúmeros rios, potenciais fontes de renovação, alimento e conexão de lugares remotos. Em São Paulo, é extremamente impactante perceber o desrespeito com a vida refletida na água dos rios. A grande maioria das águas daqui se tornaram esgotos a céu aberto, sendo transformadas em transportadoras de lixo e excrementos. Por sua vez, as pessoas que aqui vivem são obrigadas a carregarem consigo toda a poluição visual, sonora, cultural, social e ambiental produzida pela cidade, normalizando no cotidiano a autodestruição e a destruição do outro.

Refletir sobre isso me fez pensar sobre a importância de ter escolhido aproximar ainda mais o tema da minha experiência enquanto ser vivente no mundo.

Ao deslocar esse pensamento para o corpo, nos deparamos com diversos rios, alguns mais internos, outros mais externos, que compõem a bacia hidrográfica do nosso organismo. Nesse percurso, escolhemos nos debruçar acerca de três desses rios, rios que circundam o imaginário cultural, filosófico e emocional das nossas principais referências artísticas.

O primeiro rio elencado foi o Sangue, acredito que por sua presença predominante em nosso organismo. Nosso corpo está mergulhado em sangue e é por ele que todos os nutrientes do corpo navegam. Nossa respiração enquanto processo energético se consolida através do sangue e é através dele que o corpo se desfaz de todo lixo celular expelido na expiração. Esse fluxo que jorra através de nossas veias e artérias é embalado pelo pulso do coração, que dita o ritmo e a qualidade do fluir sanguíneo.

Em Kemet (nome original da região que hoje é chamada de Egito Antigo), o coração era considerado a morada da consciência. Segundo esta cosmologia (e tantas outras cosmologias africanas), nós somos formados primeiro no cosmos, na união das forças da natureza (Neteru/Orixás), onde nossa singularidade é formada. Depois da formação da singularidade (alma/espírito) o ser se materializa no momento que o coração, a partir de uma gota de sangue do coração do pai e da mãe do indivíduo, é formado<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> **Vagamundos - Um Laboratório Cênico: Abrindo Terreiros - Cosmologias e Cosmo-Percepções Africanas I (26:22 - 28:50)**

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=ikuuWqXe3a8>

Essa concepção me faz pensar que o coração, como morada da consciência e da ancestralidade, ao ditar o ritmo do nosso corpo, o fluxo das nossas águas, faz com que cada movimento nosso seja em conjunto com nossos ancestrais. Ancestralidade dentro dessa lógica é um pulso constante, um presente do passado que se faz presente no aqui e no agora.

Dentro da cosmologia Yorubá, parafraseando o Babalorixá Professor Sidnei Nogueira, o Orixá Ogum, dentro do nosso corpo, se manifesta através do ferro presente do nosso sangue. Essa sabedoria amplia ainda mais a importância dos fluxos sanguíneos que, além de tudo, transporta a energia da luta, da tecnologia, da velocidade, da capacidade de atingir seus objetivos pela força.

Tanto em minhas reflexões quanto durante esse trabalho, o Sangue se consolidou como um rio de extrema importância e sabedoria dentro do nosso corpo. É nele que navega nossa ancestralidade, nossa nutrição, nosso poder de transformação, nossa força. Seus fluxos circulares conectam todo nosso corpo e tornam possíveis nossos movimentos, nossa restauração e nossa autocura.

O segundo movimento é o Suor. Talvez seja o rio que eu me sinta mais à vontade para falar, pois eu venho de uma família de trabalhadores da terra, que migraram para São Paulo em busca de emprego. Sempre pude observar de perto desde criança, o que é uma sobrevivência conquistada com muito suor. Suor de meus avós todos, suor de meus pais e por consequência, meu suor.

Na minha casa, minha geração foi a primeira a concluir o ensino médio e eu, a primeira a ingressar no ensino superior. Ter a possibilidade de estudar me proporcionou acessar conhecimentos que transformaram minha relação com o trabalho. Pela primeira vez, o planejamento vem antes do esforço e o esforço está conectado com nossas paixões. Meu trabalho se une a festa, o suor se encontra na alegria.



Dentro do nosso trabalho, o suor acompanha esse percurso, muito comum entre a população negra, que encontra na festa, na cultura, na arte, o descanso da mente, a renovação do espírito através do suor no corpo. Seja nos bailes Black, nos fluxos, nas escolas de samba, na capoeira, o povo preto insiste em sobreviver, pois sabe de onde vem nossa energia. Nossa energia não vem do descanso, da inércia. Nossa energia é gerada. É assim que nós temos sobrevivido a tanta violência, a trabalhos ostensivos, ao racismo. Nosso poder de transformação vem da festa, presente divino que transforma nossa energia, nos alinha com os princípios universais de vibração, movimento, correspondência. Mesmo que por algumas horas, alguns minutos.



Da vibração urbana da cultura Hip Hop aos movimentos circulares da capoeira, nosso corpo evapora suas dores. Numa retomada ancestral, nós buscamos na música e na dança o sentido que foi retirado do trabalho. Buscamos nas práticas ancestrais fortalecer a conexão com nossos antepassados. Suor é poder, força e transmutação

Por último, vem as lágrimas, águas salgadas que surgem dos olhos em ondas e correm pelo em correntezas. É inevitável pensar na minha experiência e na experiência da minha ancestralidade sem passar pelas lágrimas. No meu caso, as lágrimas insistem em ficar presas, entaladas na garganta até explodirem em um choro de todas as dores.

É comum que no ocidente se leia as lágrimas como sinal de fraqueza. Eu mesmo recorro poucas vezes de ver minha mãe ou meu pai chorar. Os olhos marejam e o corpo se contrai, as ondas vão arrebatando por dentro ecoando a dor e a angústia. O curioso é que mesmo tendo essa educação por absorção e imposição, toda vez que choro me sinto mais forte. Sinto que fiz correr um rio que insistiu em nascer pelo meu rosto, que vem pra lavar meu espírito e pra me lembrar das sensações que o cotidiano insiste em soterrar.

As duas dimensões, alegria e dor, caminham juntas, às vezes no mesmo dia, às vezes ao mesmo tempo. Lágrimas de mamãe Oxum, como bem evoca Conceição Evaristo em seu belíssimo conto Olhos D'Água. Lágrimas vem pra limpar, para nos lembrar que estamos vivas, para que nós possamos nos percebermos e conectar com nós mesmos.



Existe também outra dimensão importantíssima das lágrimas, aquela que aparece com uma emoção arrebatadora, de momentos de extrema felicidade, de momentos de conexão profunda.

Nunca me esqueço do dia em que eu estava no estúdio, acompanhando a gravação do segundo CD do Maracatu Nação de Oxalá, depois de um ano de isolamento social. Estava afinando meus equipamentos para registrar as gravações, e eis que o Mestre apitou. Os tambores soaram, estremeceram cada célula do meu corpo, fiquei eletrizada, meus olhos se encheram de lágrimas, como se um mar de axé tivesse sido despertado em mim e escorria em águas de paz. Paz de Oxalá.

Esses rios que correm dos nossos olhos e gotejam na terra nos remetem a chuva, o choro da nossa mãe terra, tão vital para que a vida aconteça. Ao mesmo tempo, nos remetem ao mar, às águas salgadas de nossa mãe Yemanjá. Nossos olhos primeiro marejam e depois escorrem, num movimento de conexão e cura.

É nesse fluxo de saberias que nosso processo aconteceu, um rio por vez.

# Passa Pra Lá, Passa Pra Cá

## Fluidos de Criação

Desde o início do nosso processo, tínhamos como objetivo criar algo que transbordasse a tarefa, o trabalho de conclusão de curso, que ganhasse corpo enquanto obra de arte, inundado por nossa capacidade de criar coisas bonitas. Desde o início do ano, tanto eu quanto Isabel navegamos por dificuldades de encontrar um jeito de continuarmos ativas e criativas durante a crise sanitária global. Da minha parte, as extensas, múltiplas e intensas jornadas de trabalho minavam toda possibilidade de descanso criativo. Por muitos meses eu nem tive tempo para que meus pensamentos sobre o TCC fluíssem. Diante dessa condição, precisávamos pensar numa estratégia em que nós fôssemos capazes de criar, estudar e experimentar com a vazão necessária, honrando nosso trabalho e as nossas habilidades. A solução, por incrível que pareça, não custou a aparecer. A partir da nossa escolha de unirmos força numa direção comum, as águas começaram a correr e os caminhos se abriram. Só nos restava trabalhar e navegar pelo caminho das pedras.

Depois de direcionar nosso curso em direção às águas do corpo, pensamos em como poderíamos trabalhar as três qualidades líquidas eleitas, como aprender com essas entidades aquáticas corporais e elaborar esteticamente a partir desses aprendizados. Não tínhamos muito tempo, apenas alguns meses para estudar, experimentar, sintetizar os aprendizados, criar uma composição e materializá-la. Para solucionar a questão temporal decidimos fazer como nossos ancestrais sempre fizeram: aprender trabalhando.

*No processo de trocas, a gente conversa sobre o que foi feito e o que pode ser feito, sobre vontades, sobre composições possíveis a partir da proposta visual ou sonora. Dessa maneira “passa pra lá, passa pra cá” se transformou na materialização do imaginário poético do trabalho, um banco de imagens, sensações, ritmos e ideias que futuramente serão a base do nosso estudo estético.*

- *Notas do Processo*

Como tínhamos pouco tempo, nos preocupamos primeiro em descobrir o que surgiria de cada etapa do processo e depois na composição da obra final. Esse pensamento nos deu uma tranquilidade criativa, na medida que o próprio caminho ia delimitando o percurso geral da composição final.

Nos debruçamos em cada momento por três semanas.

Na primeira semana nós conversávamos, criando em conjunto um repertório imagético, pensando no que o sangue, o suor ou as lágrimas podem significar, com que forças da natureza se relacionam, sua presença na nossa vida e na vida dos povos africanos nas américas.


Na segunda semana, cada um à sua maneira criava uma célula, uma composição. Eu criava uma composição sonora e Bel, uma composição visual. A este processo apelidamos de “**passa pra lá**”. Ao final desse processo, conversávamos sobre as nossas criações, sobre nossas descobertas, sobre como as composições se relacionam com nossas conversas anteriores e em qual direção todos esses elementos estavam rumando.

Depois dessa etapa, nós trocamos as composições, num processo que apelidamos de “**passa pra cá**”. Agora, o objetivo é compor a partir da criação da outra, ampliando os fluxos iniciados e/ou criando novas ramificações, nuances. Na terceira semana, trabalhávamos nessas novas elaborações estéticas gerando dois estudos, dois vídeos que condensam todo nosso trabalho visual e sonoro durante cada ciclo de estudo.



Foi a primeira vez em que trabalhei dessa forma. De certo modo, quando você cria algo para que outra pessoa possa criar em cima, coisas acontecem na gente. Não pude deixar de pensar como que cada composição que criei durante esse processo foi como um presente, algo que eu entregava com amor e dedicação. Uma vez ouvi o dançarino Tiago Reis, do Grupo Fragmento Urbano dizer: “Sempre que você dança, que você faz um passo, você entrega um presente pra quem tá vendo. Você não está disputando para descobrir quem é o melhor, mas presenteando quem está na sua frente”. É sobre isso. Toda vez que recebia a composição de Bel em minhas mãos, sentia que recebia um presente, o melhor tipo de presente, daqueles que sempre que a gente divide, a gente tem mais. A cada proposta meu corpo se enchia de vida, ansiando por retribuir.





Durante essas nove semanas, nós desenvolvemos uma dinâmica de criação muito fluida, onde nós estudamos os aspectos imagéticos, sonoros e filosóficos das águas do nosso corpo escolhidas nesse processo. Durante as conversas, conversamos sobre o que fizemos e sobre o que poderíamos fazer, sobre as coisas que apareceram nas células e sobre o que não apareceu.

Por termos que nos desdobrar em muitas outras atividades na vida, muitas vezes não tivemos tempo para experimentar com o tempo merecido. Procuramos fazer da dificuldade uma possibilidade, encontrando soluções para as futuras experimentações e para as composições finais. Cada etapa do processo suscitou em aprendizados técnicos, filosóficos e estéticos singulares e peculiares, ampliando nossa capacidade criativa e versatilidade.

A dinâmica de trocas e composição trouxe para o processo um olhar mais carinhoso em relação a nossa produção, olhar que muitas vezes falta por excesso de autocrítica e insegurança. Ao trocar, ver e rever o nosso trabalho feito ora por mim, ora por Bel, visto ora por mim ora por Bel, muitas vezes se tratando da mesma composição, conseguimos olhar para o que criamos durante os últimos meses com o afeto necessário para construirmos uma obra a partir de nossas experimentações.

- Notas do processo

# Primeiro Ciclo de estudos

## Sangue

Durante as primeiras semanas, nos debruçamos no estudo do sangue. Observamos que dentro do imaginário cultural ocidental, o sangue sempre é visto como uma coisa negativa, ligada a violência, terror e medo. Desde o início, nossa vontade foi dissociar nossa obra da imagem vermelha e chocante do sangue presente nos filmes americanos e americanizados. Queríamos trazer outros imaginários, imaginários ligados aos nossos ancestrais africanos que vêem o sangue de uma forma completamente diferente.

Através das histórias, músicas, danças, nossos mais velhos nos deixaram ferramentas para nossa sobrevivência física, emocional e intelectual nos tempos atuais. Entender o sangue como um fluido vital, que deve ser honrado, nutrido e cuidado, é essencial para a nossa sobrevivência etnológica. O sangue é o caminho da nossa respiração, caminho dos nutrientes, das células de proteção. O Sangue nos remete ao domínio do coração, à ancestralidade, à presentificação do passado.

Infelizmente, devido aos inúmeros fatores que quase estancaram o processo, não tivemos tempo para nos debruçarmos sobre visões acerca dos rios escolhidos. Também não tivemos tempo de ouvir, de ver e de sentir juntas outros trabalhos que partiam de investigações semelhantes. Nos resta contar com os conhecimentos presentes dentro de nós e que passaram a vir até nós à medida que a gente se aprofundava em cada ciclo. Sempre por osmose, pela emoção, pelas formas de absorção não racionais. Essa condição criou um processo de pesquisa fluido, que ganhava corpo na medida que as coisas emergiam.

*Nosso corpo é um fluxo intenso e abundante de água. Água corrente e em grande quantidade. Nas primeiras experimentações, sons de rio apareceram, junto ao som da beira do mar, que remeteu ao barulho que fazemos quando aproximamos nossas mãos dos ouvidos. A quantidade de água apareceu como um dado importante, quando o som remete a pouca água, ele não harmonizava com os outros elementos da composição.*

- Notas do processo



# Passa Pra Lá

## Me desenhou

Depois das nossas conversas, meu primeiro impulso foi ir em busca de sons que expressassem nossas sensações acerca do sangue. Sons de pulsação cardíaca, sons de rios, sons de beira do mar. Também vieram à tona baques de Maracatu que são uma expressão análoga ao ritmo do coração. Grooves do baterista Jabo Starks, um dos principais responsáveis pela criação do Funk de James Brown. Tudo isso isoladamente soava divino, mas dificilmente se misturavam, compunham algo juntos. Como as águas do Rio Negro e do Solimões, permaneciam cada qual em sua unicidade, mesmo juntas. Depois de horas de tentativas frustradas decidi mudar de estratégia. Peguei caneta e papel e comecei a escrever.

Enquanto eu encarava a folha em branco, em poucos minutos uma melodia começa a escorrer por mim, dizendo que “tem algo que pulsa na gente, é sangue de mãe”. Depois que eu coloquei a caneta no papel, a tinta fluiu até que os primeiros versos ficaram prontos.



\*  
*Tem Algo Que Pulsa Na Gente  
É Sangue Da Mãe Iêiêô  
É Quente, É Ogum Na Gente  
É Sangue De Pai Iôô*  
\*  
*É Rio, É Ferro É Caminho  
É Sangue De Todo Um Povo  
Nem Bala, Chicote Ou Destino  
Nem Fome, Nem Branco Me Dizimou*  
\*

A partir daqui as palavras ganharam sons. O rio só pode correr morro abaixo, a inclinação e as margens do canto quem dá é a fala, e o refrão veio como se já existisse.

\*

*Bakongo E Nagô  
Me Desenhou  
Fulani E Mandinke  
Me Fortificou*

\*

*Ancestral E Africano  
Eu Também Sou  
A Nossa Rainha  
Tem Sangue E Tem Cor*



Acompanhado de palmas, que marcavam os acentos do ritmo, a música tomou forma e agora eu já tinha minha proposta sonora. Ao ouvir a gravação feita pelo celular, sentia a necessidade de adicionar percussão na música, acompanhando o canto com os tambores da bateria. De maneira intuitiva, o estudo tomou forma ao redor de uma célula rítmica circular, característica do dna musical de diversos ritmos da diáspora africana, que só fui descobrir mais tarde, graças aos conhecimentos compartilhados por Thiago Sonho nas orientações artísticas e Letieres Leite em aulas organizadas pela equipe do Sesc Instrumental. Falarei melhor sobre mais afrente.

Em sua forma final, a música retomou a primeira ideia, que tomava forma a partir das pulsações do coração. Partindo do som dos batimentos cardíacos, o bumbo da bateria dobra o compasso do coração e evolui para o baião, que acompanha o canto por toda a música. Ao final do canto, a bateria retornava as batidas do coração, como um ciclo que se fecha, onde começo é o fim e o fim é o começo.

## **Link (Google Drive)**

### **Me Desenhou (Primeira Versão)**

<https://drive.google.com/file/d/1ET6v0LaKScj1qT04-jFAxkj5lorCNT5u/view?usp=sharing>

## Passa Pra Cá

### Circulando

Ao nos encontrarmos para ver e compartilhar as primeiras experimentações, observamos que as pulsações cardíacas tiveram bastante destaque. Na composição de Bel, as batidas do coração foram usadas para imprimir ritmo aos cortes e transições de edição. Em minha canção a progressão percussiva dita o fluxo das palavras, começando e terminando com pulsações análogas as batidas cardíacas. O surgimento das pulsações na condução dos dois fluxos me convida a pensar que, assim como o coração dá ritmo ao corpo, o arranjo percussivo e rítmico dos nossos estudos conduziram nossos movimentos poéticos. Nos brilhou os olhos encontrar uma relação similar ao papel do coração em relação ao corpo nas primeiras composições, antes mesmo de trocarmos as células.

*A partir da primeira proposta visual de Bel, senti que todo ritmo e atmosfera já estavam estabelecidos, como se o todo, já expressasse os fundamentos líquidos da corrente sanguínea. Conversamos sobre a possibilidade de adicionar mais pulsações de dentro para fora, que ampliassem os movimentos circulares da coreografia, assim como em nosso corpo, que o coração com seu pulsar conduz o ritmo das águas das veias.*

- Notas do Processo



Depois de observar os movimentos, os ritmos e as sonoridades das duas células, pensamos na importância de tornar consciente a presença de um fundamento que se tornou essencial para todo o processo: o caráter holístico da obra.

### **HO·LÍ·S·TI·CA**

**substantivo feminino**

**Concepção, nas ciências humanas e sociais, que defende a importância da compreensão integral dos fenômenos e não a análise isolada dos seus constituintes. = HOLISMO**

### **HO·LÍ·S·TI·CO**

**adjetivo**

- 1. Que defende uma visão integral e um entendimento geral dos fenômenos.**
- 2. Relativo a holismo.**

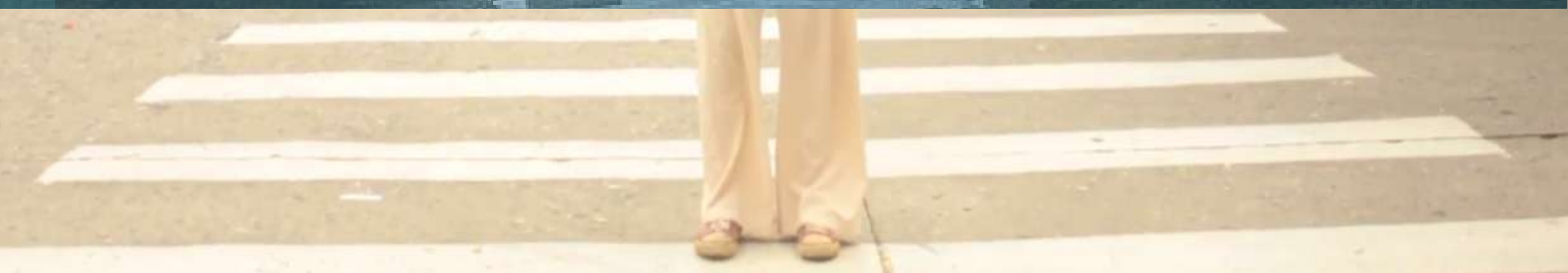
**"Holística", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021.**



Para a construção de uma obra de arte holística, é necessário levar todos os elementos sensoriais em consideração, proporcionando uma experiência para ser fruída com as emoções, a imaginação e os sentidos, de maneira que todas as camadas da experiência naveguem para o mesmo sentido. Como se fossem traduções diferentes da mesma mensagem. A poesia diz, mas também as cores, os sons, tudo tem que ser capaz de despertar emoções e evocar lugares comuns, para que a obra seja coesa.

A partir desse pensamento, guiei todas as minhas composições, mesmo que intuitivamente, em pouco tempo, por minhas sensações. Se o que eu estava criando me despertava sensações que iam de encontro com nosso fluxo, sabia que estava no caminho certo.

Depois de vermos e conversarmos sobre as células criadas, nos dividimos novamente para trabalharmos em cima da célula uma da outra.



Ao ver a célula de Bel, fiquei com vontade de adicionar sons de águas correndo, sublinhando o movimento dos braços, que traziam uma circularidade que vinha de dentro e expandia para fora do eixo do corpo. Como um rio que tem oscilação em seu fluxo conforme a chuva, num movimento de contração e expansão.

Impulsionando esses movimentos, fiz soar os pratos da bateria, como um assobio vindo dessas águas que correm. Aqui, a clave e o pulso do coração retornaram, mantendo uma progressão rítmica que começa com o bumbo, depois entra a caixa fazendo o contraponto do aro, depois a caixa cheia. A ideia é que o ritmo do coração fosse se complexificando mas ainda permanecesse presente. Os elementos vão aparecendo rodeando a célula rítmica cardíaca.

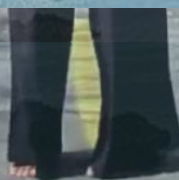
## Link (Google Drive)

**Sangue, Passa Pra Cá - David**

<https://drive.google.com/file/d/1HKm4zWWevNBaqLXiBpKzeBQKEeXJ9si2/view?usp=sharing>

*Nas experimentações visuais aparecem frequentemente o recurso de transparência como possibilidade de multiplicação da presença, onde através da edição surge a possibilidade de criar multidões, entidades de várias faces e aparições no mesmo enquadramento. Estamos falando do campo das multidões, de sermos multidões, a reprodução de várias facetas no mesmo plano, o estado múltiplo da existência ancestral.*

*-Notas do Processo*



# Segundo Ciclo de Estudos

## Suor

*Na cidade, o suor escorre no rosto de quem vive no pulso frenético do mundo do trabalho. A correria, o fluxo intenso de pessoas, a tensão de perder o horário, correr pra conseguir sentar no transporte, compõem a atmosfera de aceleração durante o extenso trajeto pela cidade. Ao mesmo tempo, quando temos que esperar, quando temos que ficar parados, seja no ponto de ônibus, seja num qualquer da cidade, uma sensação de tensão e medo provoca um suor frio. Fome, drogadição, violência e anonimato criam uma cortina de fumaça densa, como se a rua fosse uma praça de guerra, onde se deve passar o mais rápido possível.*

- **Notas do processo**

Durante nossos estudos acerca do suor, percebemos a natureza ambígua dessas águas, que ao mesmo tempo em que aparecem em situações de celebração, alegria e êxtase, em situações de tensão, tristeza e medo elas se fazem presentes. A primeira vez que conversamos sobre o suor as imagens que vinham a nossa mente eram os Bailes, as Festas, a Dança, a transformação energética que o suor causa. Os povos africanos sempre souberam muito bem como festejar e a branquitude nunca entendeu o porquê. Para os Yorubás a festa é um presente do criador, que alimenta nossa alma e nos enche de alegria, nos torna capazes de ver a beleza do mundo. A tristeza nos cega, precisamos curá-la como uma doença.

Mesmo com o holocausto provocado pela a ganancia do povo europeu, os povos que para cá foram trazidos nunca esqueceram de festejar. Nunca esqueceram de onde nasce nossa energia. Nunca esqueceram como espantar o cansaço. Acontece que quanto mais branca é a cidade, mais ostensiva sua vigilância. Mais voraz é a criminalização das festas pretas. A violência com que se trata e se tratou toda reunião de pessoas pretas fez com que São Paulo, por exemplo, se tornasse essa cidade árida, cinza e hostil que temos hoje. As ruas e as praças são corredores que precisam estar livres para a mercadoria passar, a toda velocidade.



Nossa juventude é consumida e reprimida nas ruas pelas drogas e pela polícia, tornando a nossa conexão ancestral um crime. Nossos ambientes de celebração são corrompidos em espaços de autodestruição. Tudo isso somado a pandemia - que estreitou ainda mais esse cenário pavoroso criado pela elite que adora cinza - criou uma atmosfera tensa que flui entre a correria da cidade e a luta pela sobrevivência.



Nesse momento, manifestações como a cultura Hip Hop vem para nos lembrar que "até no lixão nasce flor". Vamos transmutar a violência em arte, decretar paz entre nós, canalizar os conflitos e a frustração de forma criativa, vamos festejar enquanto fortalecemos nossos corpos, nossas mentes e nosso espírito. Como na capoeira, o jogo que nos anima, nos traz felicidade, também nos prepara para a guerra.

O suor, quando gerado nas nossas danças, esquenta e transforma a atmosfera, que quando densa e tensa demais congela, nos fazendo suar frio. É dentro desse caldeirão de sensações que começamos nossas experimentações.

## Passa Pra Lá

### Jogo de Dentro

Apesar de ser o segundo movimento, as experimentações ao redor dos pensamentos sobre o Suor foram as últimas a acontecer. Nessa altura do processo, lidar com a ansiedade e o mal estar da pandemia já interferia significativamente nas minhas criações. Havia muitos meses que eu não via os meus, que não festejava. Eu passava cada vez mais horas trabalhando em frente ao computador, num corredor da casa dos meus pais, que se transformou no meu quarto. Notícias ruins, uma atrás da outra, destruíram muitas vezes minha paz de espírito. As incertezas acerca do ano que vem e sobre a nossa situação econômica me torciam, de dentro pra fora e de fora para dentro. O tempo de criação se reduziu de duas tardes e duas noites para um dia, das três da tarde até a hora que eu conseguisse ficar acordada. Mas parar não era opção, então como tudo na vida, a gente acaba dando um jeito.

As poucas horas para trabalhar na proposta, geraram em mim um estado de criação muito curioso. Apesar de não me orgulhar de ter conseguido - pois nessa altura a ansiedade e o medo de não conseguir corroía meu estômago - criar nessas condições alimentaram ainda mais uma fé na minha capacidade de criar, contanto que eu tenha uma oportunidade.

Durante a criação da Jogo de dentro, tudo o que eu tinha era uma sensação. Algo entre um sentimento e uma sonoridade: a dos caxixis. Não saía da minha mente nessa época a história de vida de Olufela Olusegun Oludotun Ransome-Kuti, mais conhecido como Fela Kuti. Fela teve sua vida transformada num inferno pela ditadura militar na Nigéria que morria de medo que seu discurso ganhasse amplitude contra a ditadura. Ouvir sua música, sublime como a manifestação de um Orixá, ser entoada mesmo depois de sofrer tantos ataques é eletrizante. Ver como ele respondia a cada ataque com sua voz, com seu sopro de vida, em conjunto com sua banda, não sai da minha mente até hoje. O pulso e o gingado de suas músicas estavam e estão dentro de mim, e me deram força.

Com tudo isso borbulhando dentro de mim, eu fui até o quarto de minha mãe e montei minha sessão de gravação. Armei o berimbau e reuni os 6 caxixis que meu parceiro irmão Wagner Mazzini me emprestou e apertei o botão de gravar. Comecei pelos chocalhos, tinha algo entre o vai e vez dos agbês do Maracatu e a marcação do Afrobeat que precisavam sair de mim, mesmo sem saber muito bem como.



Depois de 8 minutos de gravação nada saía. Começava borbulhar dentro de mim uma frustração corrosiva quando me veio um pensamento na cabeça: “**se eu me manter presente e confiar no fluxo a composição vai surgir. A composição já está surgindo, escute!**”. Depois de pensar nessas palavras, respirei fundo em quatro tempos e me recompus. 10 minutos depois eu tinha um caminho a trilhar.

Comecei pelos caxixis, que ao mesmo tempo trazem ar e velocidade para a música, compondo alí uma atmosfera de progressão. Depois de ter gravado um bocado, cortei parte da improvisação gravada e coloquei para tocar simultaneamente com o começo, transformando a mesma execução em duas. Em cima dessa cama rítmica, peguei o berimbau e repeti o processo. Improvisei com o berimbau e ouvi, depois recortando o final, colocando pra tocar junto com o começo. Depois de gravar as duas faixas, que viraram quatro, foi a hora de ir pro computador fazer a mágica acontecer, tornando tudo o mais harmônico e agradável para os ouvidos possível. Depois de algumas horas mixando eu tinha a música. Tudo numa tacada só.

Ao compartilhar essa composição com Bel, percebemos mais uma vez a presença de uma progressão circular que vai crescendo em elementos, expandido e contraído. Conversamos também sobre a importância das pausas, que são parte do suor. Abrir espaço para respiração compondo futuramente com sons de mar e de sopro, dentro da ideia que geralmente é quando você pausa que você percebe o suor. Ressalvas à parte a composição relâmpago tinha sido um sucesso. Ufa.

## Link (Google Drive)

### **Jogo de Dentro (Primeira Versão)**

<https://drive.google.com/file/d/1GMxhp0NIQjO5SzWOrlnqoThiwhyVieCf/view?usp=sharing>



# Passa Pra Cá

## Hip Rock

Quando vi pela primeira vez a primeira composição de Bel do ciclo do Suor, me enchi de alegria. Mais um presente que recebemos ali, em um período tão curto de tempo. Mais uma vez, a edição tinha amplificado as sensações causadas e dado conta do problema que tem sido a criação solitária. A composição dos quadros, os ritmos das transições, toda música que os movimentos evocavam, mesmo com o vídeo sendo acompanhado pelo silêncio, me arrebatou. Minha vontade era ir direto pra bateria para compor um monte, mas não tinha tempo, só depois, no outro dia.



Dessa vez, a dinâmica dos vídeos me fez ter vontade de compor uma atmosfera, ao invés de um percurso. É como se o som fosse dessa vez a paisagem, ao invés do acontecimento. As cenas de dança no meio da rua me remeteram aos breakbeats Amém Brother e Cold Sweet, as levadas mais sampleadas na história da música.

A princípio, queria que a bateria tomasse conta da cena, passando de groove em groove de acordo com as ações que saltam na tela. Para chegar nesse resultado, fui tocando alguns grooves enquanto assistia o vídeo. Depois de repetir o processo algumas vezes, liguei o microfone e gravei três faixas. Escolhi os melhores trechos de cada execução e compus atmosfera rítmica do vídeo.

*Na proposta visual, a composição da edição diz mais que os passos. A atmosfera diz mais do que os passos da dança em si. Fico com vontade de criar um clima percussivo que acompanha as nuances do vídeo, enfatizando esporadicamente os movimentos de dança com elementos harmônicos e melódicos.*

- Notas Do Processo



Como tivemos que adiar nosso encontro, aproveitei que ganhei mais uns dias e coloquei mais elementos na música. Desde o início, minha vontade era colocar guitarras para preencher a composição, mas como não tinha dado tempo, tinha desapegado da ideia. Com mais tempo, pluguei a guitarra na interface de áudio e utilizei alguns simuladores de guitarra para recriar o som de amplificador dentro do computador. Com a trilha da bateria tocando, fui compondo rapidamente alguns riffs e desenhando um percurso com uma guitarra limpa, uma distorcida, uma simulando um baixo e algumas frases de guitarra solo. Depois de uma madrugada editando, estudando sonoridades e mixando, tínhamos a segunda célula, tínhamos a Hip Rock.

Depois de assistirmos juntas as duas células finais, percebemos que cada qualidade de água, das três que escolhemos, indicam climas, velocidades, temáticas e principalmente timbres. Instrumentos que compuseram muito bem em uma qualidade de água, em outra soaram dissonantes, ou até redundantes. Essa observação foi importantíssima para o momento da composição da obra final.



## Link (Google Drive)

**Suor, Passa Pra Cá - David**

<https://drive.google.com/file/d/1AWxrkNOyMREWQW844y36B4U1jmtRHqpp/view?usp=sharing>

# Terceiro Ciclo de Criação

## Lágrimas

Durante nossas criações, as lágrimas foram as águas que mais apareceram em seu estado original, como na natureza ao nosso redor. Acredito que por sua semelhança visual e sensorial com as águas que correm nos rios, as lágrimas correm pelo nosso rosto lentamente até caírem como cursos d'água gotejantes.

Assim como as águas anteriores, as lágrimas também possuem estigmas no imaginário ocidental. Estão geralmente ligadas a tragédias, coisas ruins, fraqueza, descontrole emocional. Em nossas conversas, entendemos a necessidade de olhar para aspectos mais profundos das lágrimas, como sua dimensão de limpeza, sua dimensão marítima, de alívio, de conexão.



Nessa etapa do trabalho veio à tona um texto que havíamos lido juntas, um conto de Conceição Evaristo chamado Olhos D'Água.

No percurso do texto, Evaristo traz as memórias de uma filha que havia esquecido a cor dos olhos de sua mãe. E que relembra, ao tentar lembrar que cor tinham os olhos de sua mãe, de como sua mãe lidava com a fome, como brincava, como mantinha a beleza e ludicidade de suas filhas mesmo num contexto extremamente difícil. Ao final do curso das águas do conto, a filha se dá conta, através das palavras de sua filha que, assim como sua mãe, tinha olhos cor de olhos d'água. As imagens desse conto foram norteadoras nessa etapa dos processo, pois traziam exatamente o espectro emocional que queríamos trabalhar.

Foi inevitável passar pela tristeza, pelas dores que estão ecoando dentro da gente. Muitas vezes, assim como as lágrimas, não sabemos onde essas dores ficam armazenadas antes de vir à tona. Muitas vezes elas criam um vai e vem marítimo capaz de nos afogar. Uma vez que conseguimos dar vazão a essas dores, as águas

salgadas escorrem como um rio nos morros de nosso rosto, levando consigo a pressão que nos consumia por dentro.

Dando lugar a um alívio, a uma sensação de limpeza, inicia-se um novo processo. Um ciclo de cura, de renovação. Esse aspecto das lágrimas nos remete também a chuva, as lágrimas que caem do céu, depois de condensar o suor dos seres vivos e vapor densificados, nublando o céu e tapando o sol.

Num outro momento, as lágrimas também aparecem em nossos estudos como algo sublime, águas que nascem de uma conexão emocional profunda com o tempo presente. Como ver o mar pela primeira vez, como ouvir uma bateria de escola de samba ao vivo, como sentir que voltou pra casa sem sair do lugar. Essa emoção, alegria, satisfação, que muitas vezes faltam palavras para descrever, também trazem águas que marejam os olhos, águas calmas fazem os olhos brilharem em Hotep, em realização, na vibração do amor da criação.



## **Passa Pra Lá**

### **Olhos D'Água**

O último movimento do nosso percurso são as lágrimas, apesar de termos criado dentro desse universo antes do suor. Acredito que a inversão se deu muito pelo fato de tanto nas lágrimas quanto no suor, nossas concepções acerca dos elementos mudaram enquanto aprendemos com eles. Ao criar, conversar, estudar e observar nossos estudos descobrimos que há muito mais a aprender com essas águas do que imaginávamos.

O conto de Conceição Evaristo trouxe nuances para o trabalho que confesso que não saberia trazer com tanta amplitude. Não à toa, assim que ouvi Evaristo lendo o conto, eu pensei na hora em compor a partir de suas palavras. As palavras do conto em si já eram música, já eram dança.

#### **Conceição Evaristo - Olhos D'Água**

<https://www.youtube.com/watch?v=fM2JzUqqBjw&t=494s>

Outra obra que também foi fundante no processo de composição da Olhos D'Água foi a música Jesus Chorou, dos Racionais MC's. Além do título e a temática trazerem referências diretas às lágrimas, toda a construção musical da poesia e dos samples que compõem o instrumental da música nos colocam dentro de um filme, viajando através das emoções por paisagens complexas e cadenciadas.

#### **Jesus Chorou - Nada Como Um Dia Após O Outro Dia**

<https://www.youtube.com/watch?v=HIYTKuED--M>

Ambas as referências foram a espinha dorsal da composição, que acredito ser a única em que não utilizo nenhum instrumento. A introdução chuvosa da música e os trechos chave do conto foram os afluentes da colagem sonora organizada com diferentes sons e ritmos aquáticos. Tudo foi feito na pista de edição.

Coloquei as duas faixas de áudio, do conto e da música em cima e os sons de rios calmos, rios bravos, tempestades, gotas e sons de mar logo abaixo. Minha ideia foi trabalhar o vai e vem das lágrimas, que às vezes ameaçam cessar e logo voltam com mais força, como se a limpeza também viesse em ondas, como as águas salgadas do mar.

No fim do processo, apenas a tempestade da intro da música dos Racionais e dois trechos chaves do conto de Evaristo permaneceram na composição das águas.

#### **Olhos D'Água (Primeira Versão)**

<https://drive.google.com/file/d/1xCICSNZ1w7-Ck-yJj3rRn0dmiY2RjMu2/view?usp=sharing>

# Passa Pra Cá

## Banzo

Provavelmente Banzo foi a composição mais audaciosa do processo inteiro. As condições se mantiveram: algumas horas para compor e uma madrugada para mixar. Dessa vez não tive tempo de usar microfones, utilizei o microfone do celular e gravei em duas partes. Ainda assim, me propus a compor uma peça inteira para violão, onde cada movimento melódico partia dos gestos de Bel.

A proposta visual foi bem diferente dessa vez. O vídeo tinha mais de nove minutos, com movimentos de dança com a câmera parada, num lugar fixo, uma garagem. O figurino era duas peças pretas, pés descalços. O cenário em si não tinha função de comunicar, nem o figurino, nem a edição. Todo o foco da proposta estava nos movimentos. Intuitivamente, peguei o violão e comecei a dedilhar. Mesmo com os gestos sugerindo algo mais íntimo que o violão realça muito bem, improvisar em cima da dança não funcionaria muito bem. Os gestos tinham momentos, velocidades diferentes. Navegava por planos diferentes, havia movimentos feitos em pé, deitados, de joelhos. Profundidades diferentes. Depois de assistir algumas vezes decidi compor passo por passo, gesto por gesto.



Durante uma tarde inteira eu fui dando play no vídeo e compondo com o violão. Rapidamente surgiu uma espiral melódica/harmônica que mantinha uma circularidade, repetições que a cada novo gesto ou qualidade de movimento ganhava passeios melódicos em direções diferentes, mas dentro do mesmo ciclo. Até os primeiros 5 minutos do vídeo a operação foi a mesma. Da metade em diante, outros elementos começam a surgir no vídeo, como sobreposição de takes - onde Bel aparece fazendo o mesmo movimento em pontos diferentes do espaço - e colagens, onde Bel aparece no fundo enquanto cai água na direção da tela. Essas inserções permitiram maior liberdade para compor de maneira mais emocional e climática, onde a atmosfera passa a comunicar mais do que cada nota da melodia em específico. O resultado final foi uma música com várias células sonoras, percursos climáticos guiados pelo violão.


Após ver as duas células finais, pensamos em utilizar esses percursos durante todo o momento das lágrimas, escolhendo as frases melódicas mais apropriadas para cada momento do trabalho.

# Encontro de Águas

## Contribuições de Thiago Sonho

Durante toda a feitura do processo de estudos práticos sobre as águas do nosso corpo, contamos com a orientação artística de Thiago Sonho, que se propôs desde o início a nos ajudar a pensar tanto na construção do curta metragem, quanto nas reflexões presentes nos trabalhos escritos. Em encontros regulares, nós refletimos sobre os estudos práticos e as reflexões que emergiram do trabalho. Conversamos muito sobre como Sangue, Suor e Lágrimas se relacionam entre si, com as festas e manifestações de matriz africana, traçando paralelos com nossas experimentações e vontades poéticas.

Começamos primeiramente apenas eu e Sonho, conversando sobre minhas vontades, de compor uma música que relacionasse com o trabalho da mesma maneira com que nós estávamos nos relacionando com as águas, de como era importante para mim partir de princípios africanos de composição musical. Nesse momento, Sonho propôs que nós pensássemos o trabalho a partir da ideia de um encontro de Águas, de que mesmo com a escolha de trabalhar três águas do corpo a gente se atentasse para os lugares em que essas águas se cruzam, se complementam e se relacionam. Que esse encontro poderia sugerir um encontro de identidades.

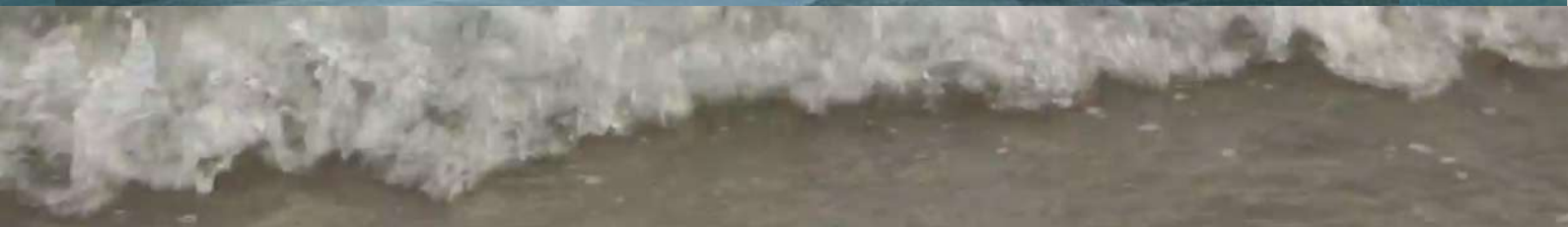


Depois desse encontro passamos a nos encontrar também com Bel, expandindo a orientação musical para uma orientação mais expandida, que passou a abarcar todos os aspectos do estudo e da composição final.

### “Nascentes que insistem em brotar”

Apesar do mundo cheio de incertezas e temores, o planeta continua seu curso, e cada um de nós também, carregando toda nossa ancestralidade em nossas águas, águas essas que assim como as da terra, se encontram e se movimentam. O que é uma manifestação cultural popular? Assim como o planeta se manifesta, nós seres humanos também somos como ele, temos águas que se encontram. Carnaval é água de sangue nas mãos do ritmista, no seu suor e no suor de todos os participantes, e lágrimas que transbordam na emoção. Encontro de águas que se movimentam. Dentro dessas águas, a água do sangue carrega nossa ancestralidade. O próprio sangue diaspórico carrega um encontro de ancestralidades africano, indígena, caucasiano, assim como encontros do Rio com o Mar.

Texto Enviado Por Whatsapp - Por Thiago Sonho



Alguns apontamentos importantes surgiram nesses encontros, que foram surgindo a partir das nossas conversas. Como a ideia de sermos parte de um macrocosmo, reproduzido no microcosmo. A ideia das emoções serem um encontro de águas assim como nós, que também somos um encontro de águas. Esses e outros pensamentos nos ajudaram a continuar caminhando a partir de princípios confluentes com as filosofias de matriz africana.



No campo da música, a circularidade e a clave apareceu como um fundamento presente desde as experimentações, o que me deixou bastante animada em relação ao resultado final. A circularidade das claves rítmicas é um fundamento africano presente na grande maioria das rítmicas africanas dentro e fora de África. A clave do samba de terreiro, por exemplo, pode ser encontrada no samba reggae, no samba carioca, no funk norte americano e no Hip Hop. Este conceito de um dna rítmico identificado a partir da observação das claves é muito bem explicado pelo maestro, arranjador e educador **Letieres Leite** nas aulas sobre o Universo Percussivo Baiano promovidas pelo Sesc Jazz.

Nessas aulas, Letieres defende que do Samba Reggae ao Funk Carioca, existem princípios de organização rítmica que são comuns à boa parte dos ritmos da diáspora africana nas Américas. Isso se constata ao observar os padrões rítmicos quando reduzidos à uma porção rítmica, aos acentos principais. Ao comparar os acentos de todos esses ritmos se chega na clave do Cabula, o samba tocado nos terreiros. Durante o percurso das aulas, Letieres compartilha seu método de educação musical, que consiste em tornar os instrumentistas conscientes dessas claves, para que todos os instrumentos confluam ritmicamente durante um arranjo.

Devido ao ritmo acelerado do processo, não pude me aprofundar nos estudos históricos e etnográficos que Letieres traz, nem estudar as diferentes versões da clave do Cabula presentes nas manifestações culturais de matriz africana. Nesse percurso, inspirado pelos ensinamentos do Maestro, procurei identificar no processo de criação os momentos que intuitivamente utilizei das claves e enfatizá-las. Também procurei afinar as células sonoras que não correspondiam aos princípios de circularidade que a observação das claves me ajudaram a observar. Acredito que assim como nossos ancestrais faziam, nós ainda nos comunicamos através do ritmo. Que essa comunicação se dá num nível superior ao racional, anterior à mediação da mente. Por isso a importância da confluência rítmica de todos os elementos musicais e sonoros do trabalho, para que a mensagem possa chegar sem ruídos.

\*\*\*



Numa outra etapa do processo, passamos por cada ciclo de criação atribuindo juntas ideias, conceitos e palavras que habitam cada universo. No sangue, por exemplo, sublinhamos a característica circular dessas águas, que correm segundo um pulso, coordenadas pelo coração. No suor, por sua vez destacamos a dimensão do trabalho e da transformação, que estão associados ao esforço e a festa. Por outro lado, o suor pode surgir de uma atmosfera tensa, o suor frio é uma dimensão que pode ser trabalhada. Nas lágrimas, pensamos na relação dessas águas com a chuva e como nosso planeta também tem águas que se movem analogamente as nossas emoções.

Num último momento, passamos por todas as músicas do processo pensando possibilidades, timbre e ajustes, para que musicalmente a composição final possa comunicar pelo menos uma parte de todos os aprendizados que tivemos durante o processo, ao dedicarmos um olhar atento a presença do Sangue, do Suor e das Lágrimas em nossas vidas.



Foi muito importante para o nosso processo poder contar com mais um olhar sobre nosso trabalho. Um olhar mais experiente e generoso nos ajudou a tratar nossas criações com mais carinho, pois mesmo em tendo pouco tempo, vínhamos construindo coisas interessantes que geraram reflexões e apontamentos importantes. Acima de tudo, ter uma pessoa acreditando na nossa capacidade não só de planejar mas também de executar nosso projeto foi essencial para que o trabalho alcançasse sua amplitude.

## Contribuições Coletivas

### Encontros com a Turma

Não posso deixar de comentar sobre a importância dos encontros semanais com meus colegas em torno da matéria Projetos Teatrais II, que trouxeram muitas vezes o apoio necessário para continuar acreditando no processo. Sou imensamente grato por cada comentário, por cada sugestão, que ampliaram nossa visão sobre nosso trabalho. Além de ter a oportunidade de contribuir para o trabalho de meus colegas, as trocas de experiências e de pontos de vista sobre os processos me ajudaram a ver meu percurso com mais leveza e com mais tranquilidade.



# Composição Final

## A Hora da Partilha

A Água correu rio abaixo. Por três ciclos de criação, nossas águas fluíram pelo caminho e pelo tempo. Por rios tranquilos, por pedreiras, navegamos insistindo em seguir e encontrar nosso caminho. O que temos para compartilhar são amostras, são presentes, são lembranças, do que a gente pode, do que a gente pôde e do que a gente gostaria de fazer.

Este trabalho foi o desenhar de um curso por onde as imagens e os sons produzidos nos ciclos de criação fluíram, depois de refeitos, afinados e editados. As composições que surgiram durante as trocas geraram um banco de sons e imagens, que foram reorganizados para serem compartilhados com o público, onde o próprio caminho do processo de criação é o contexto, o percurso poético e o discurso.

Assim como nos ciclos de criação, buscamos na elaboração do roteiro dar ênfase nos movimentos particulares de cada momento, Sangue, Suor e Lágrimas. Ao mesmo tempo, procuramos criar uma experiência coesa, que acompanhasse um fluxo do início ao fim. Pensando nisso, construímos o roteiro a partir das músicas, das histórias que as células sonoras contavam. Ao final, temos o seguinte arranjo:

**Me Desenhou e Circulando, abrindos os caminhos do Sangue  
Hip Rock e Jogo de Dentro, no movimento do Suor  
Olhos D'Água e Banzo, compondo juntas o fluxo das Lágrimas.**

A partir dessa configuração, nós elencamos as propostas visuais de Bel correspondentes as músicas, complementadas por novas ideias que surgiram durante a confecção do roteiro. Compreendendo também a dimensão criativa da edição, deixamos muitas coisas em aberto, para que a partir das regravações tanto de áudio, quanto de vídeo, Bel tenha a liberdade criativa para compor com a edição.

# Poesias

Palavras de Encantamento

## Sangue

Que os rios do meu corpo sejam  
caminhos  
por onde nossos ancestrais africanos  
possam navegar

\*

Eu sinto um rio correr  
De dentro de você  
Igual que corre em mim  
E eu sou porque nós somos  
Ubuntu

\*

O Sangue do meu corpo  
É quente como abraço de mãe  
É memória, é caminho  
Nutrição e proteção

## Suor

Bate forte no meu peito  
Coração tambor  
É tempo de trabalho  
De suar e transformar

\*

Minha avó já sabia  
Que dançar era cura  
Que suar era remédio

\*

Mas meu pai se esqueceu  
E quem  
não dança soa frio  
No clima tenso da cidade

\*

que nossos rios gasosos ganhem a  
atmosfera  
e virem chuva para lavar nossas dores

# Foz

## Reflexões Finais

Ao chegar até aqui eu vejo em minha frente, o Mar. Um oceano de águas possibilidades, de aprendizados futuros. Ao passar por todos esses rios, por todos esses territórios, meu corpo ganhou ritmo, ganhou linguagens, ganhou pulsões. Pela primeira vez consigo encarar o mar sem medo, sabendo que divagar e sempre, chegarei aos meus objetivos.

Pude presenciar nesse percurso o poder da união, do compromisso, da parceria e da cooperação. Quando se acredita no trabalho e nas pessoas que estão trabalhando, conseguimos superar os problemas e superar nossos limites. Sem o apoio de minha família, sem a ajuda de Bel, de Thiago Sonho e de meus colegas eu jamais teria conseguido chegar até aqui com um trabalho relevante. Graças a todas essas pessoas eu tive a oportunidade, pela primeira vez, de materializar uma ideia, um sonho, do qual me orgulho e sou grato.

Depois de viver tudo isso me sinto capaz de escolher para onde quero navegar. Com quem quero navegar. Com quem eu quero construir embarcações, que nos levem por viagens de autoconhecimento. Com que eu quero ganhar o mundo por aí.



Analisando o processo, reconheço que deixei a desejar no que se diz respeito à pesquisa e busca de outras vozes que amplificam a minha. Não posso desconsiderar todo o contexto que me impediu de seguir nessa direção, mas entendo a necessidade de encontrar estratégias para diversificar nosso discurso e ampliar nossos aprendizados e horizontes filosóficos. Acredito que muitas pessoas se debruçaram sobre as temáticas do nosso trabalho mas infelizmente não tive oportunidade de ir em direção a elas. Depois de concluir todo o ciclo de escrita eu fico feliz de ter conseguido aprender e evoluir enquanto pessoa e enquanto artista ao refletir sobre a feitura do processo.

Jamais olharei para a vida da mesma maneira, depois de perceber o poder de sermos água. Continuarei fluindo, buscando caminhos, buscando confluências, buscando aumentar o poder que existe na união de rios que confluem. Sempre adiante, indo em direção a cura, a nutrição e autoconhecimento.

Agradeço imensamente a todas as pessoas envolvidas nesse processo e a você, que leu esse trabalho até aqui. Que nossos rios possam se encontrar no futuro.

Axé.

A foto utilizada no fundo desse texto é um retrato do Rio São Francisco, tirada de uma matéria do site Brasil de Fato. No site não há menções à pessoa que tirou a fotografia.

As fotos que ilustram esse projeto foram tiradas por Mim, Felipi Cajaíba e Isabel Monteiro.

